

Apostar na transmissão: autorrepresentação e temporalidades na confecção do livro coletivo “O que eu ensinei para a universidade”

*Betting on transmission: self-representation
and temporalities in the process of writing
the collective book “What I taught to university”*

MARIANA DE BASTIANI LANGE

Associação Psicanalítica de Porto Alegre

mariana.lange@yahoo.com.br

Resumo

No trabalho com situações próximas de múltiplas violências e violações (violências pela mão do Estado, violências intrafamiliares etc), a construção de um trabalho de escuta pede não apenas tempo, mas uma atenção dedicada as questões da temporalidade. Apresentam-se aqui aspectos presentes na confecção do livro “O que eu ensinei para a universidade”, escrito por vários estudantes cotistas das universidades de Florianópolis (Santa Catarina-Brasil), participantes da GESTUS (Gestão Estudantil Universitária Integrar, ligada ao Projeto de Educação Comunitária Integrar), com o objetivo de contar suas histórias na luta pela permanência na universidade, diante dos altos os índices de evasão que apontam para atravessamentos sócio-políticos e étnico-raciais. A longa trajetória de confecção desse livro mobiliza a pensar temas como política, escuta de sujeitos afetados diretamente por situações críticas, transmissão e temporalidades. O livro aposta na possibilidade de transmitir, arquivar e inscrever no âm-

bito público algo das experiências íntimas e singulares, circunscrevendo um lugar “êxtimo”. O livro traz relatos em primeira pessoa, fotografias dessas trajetórias e mostra os bastidores dos percursos dos cotistas nas universidades públicas, bem como aponta desafios, impasses e descobertas. O embasamento teórico deste trabalho está calcado na psicanálise de Jacques Lacan — além de outros psicanalistas, como Paulo César Endo, Miriam Debieux Rosa e Ana Maria Medeiros da Costa —, dialogando com Walter Benjamin, Roland Barthes e Marguerite Duras. São tomados como referência os três tempos apontados por Lacan no texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* (1998): instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir. Conclui-se que a aposta no trabalho de escrita e transmissão está implicada com a passagem por esses três tempos lógicos.

Psicanálise | Escrita | Transmissão | Tempo Lógico

Palavras-chave

Abstract

In working with situations close to multiple violences and violations (state hand violations, intrafamily violations, etc.), a construction of a listening job requires not only time, but special attention to issues of temporality. Here we present some aspects presented in the preparation of the book “What I teach to the university”, written by several quota students from the universities of Florianópolis (Santa Catarina-Brazil), participants of GESTUS (Gestão Estudantil Universitária Integrar, associated with the Community Education Project Integrar), in order to tell their stories in the struggle for permanence in the university, in view of the high dropout rates that point to social-political and ethnic-racial crossings. A long course of preparation of this book mobilizes thoughts on topics such as politics, listening to individuals directly affected by clinical situations, transmission and temporalities. The book bet on the possibility of transmitting, archiving and recording in the public public something of the intimate and singular experiences, circulating as an “extensive” place. The book features first-person accounts, photographs of these trajectories, and a behind-the-scenes look at course courses at public universities, as well as challenges, deadlocks and discoveries. The theoretical basis of this work is calculated

in the psychoanalysis of Jacques Lacan — and other psychoanalysts, such as Paulo César Endo, Miriam Debieux Rosa e Ana Maria Medeiros da Costa —, referring to Walter Benjamin, Roland Barthes and Marguerite Duras. The three times pointed out by Lacan in the text *The logical time and an assertion of anticipated certainty* are taken as reference: instant of view, time to understand and moment to conclude. It was concluded that a bet on the work of writing and transmission is implied with a passage through these three logical times.

—
Keywords

Psychoanalysis | Writing | Transmission | Logical Time

A grande maioria daria um livro por dia.
(O Rappa)

Algumas experiências emanam efeitos de contra-imagem, conforme o nome do evento que desencadeou este escrito (*Counter-image* — Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2019). A contra-imagem que trago aqui é a história de um livro. Apresento aspectos presentes na confecção desse volume, um livro coletivo, todo feito artesanalmente, costurado, amarrado com fita, escrito por estudantes cotistas das universidades públicas de Florianópolis (Santa Catarina — Brasil). A longa trajetória de confecção deste livro coletivo — cerca de cinco anos — mobiliza a pensar temas como política, escuta de sujeitos afetados por violências, atravessamentos étnico-raciais, escrita e transmissão.

Para isso, dividi a minha escrita em três tempos.

Primeiro tempo: os irresumíveis

Trabalho há oito anos em um Projeto de Educação Comunitária escutando as mais diversas violências que se pronunciam pelas condições de vidas desses sujeitos. São relações permeadas por vários tipos de violações, inclusive infligidas pela mão do Estado. No contexto da Educação Popular, o Projeto de Educação Comunitária Integrar atua em Florianópolis desde 2011, oferecendo curso pré-universitário gratuito (preparação para a prova do vestibular, que visa conquistar uma vaga na universidade pública) para a população negra, indígena, quilombola, transgênero, oriunda de escola pública e de comunidades periféricas.

Após a aprovação no vestibular, a GESTUS (Gestão Estudantil Universitária Integrar) funciona como um coletivo que acompanha os estudantes a fim de evitar a evasão,

visando driblar dificuldades e garantir a permanência na universidade, enfrentando diversos obstáculos que se interpõem no caminho da formação acadêmica. Esse acompanhamento inclui auxílio financeiro, oficinas de escrita, oficinas de matemática, línguas estrangeiras, acompanhamento pedagógico, formação política e também atendimento clínico psicanalítico individual. Esse movimento de escuta dentro de um grupo de militância acabou sendo nomeado de *Gestus de Escuta* e é desse lugar que falo aqui.

Os cursos pré-universitários populares (PUPs) estão inseridos em um contexto de injustiças sociais e são atravessados pela teoria de Paulo Freire. Esses “cursinhos”, com suas políticas próprias de seleção de vagas, acabam sendo um instrumento de denúncia das desigualdades sociais. Há em curso no Brasil um lento processo de democratização do acesso aos bens culturais. O vestibular — e antes mesmo dele, os cursos preparatórios — representam um afunilado caminho rumo aos saberes do ensino superior.

As pessoas que buscam um pré-universitário popular geralmente encontram-se em situação de restrição de horizontes, por isso, almejam, pela via do vestibular, alterar de alguma forma a situação de precariedade e sofrimento psíquico que vivenciam. Nas entrevistas da seleção para uma vaga no Pré-vestibular Integrar essas pessoas — em grande parte, trabalhadores — trazem consigo situações conflitivas, pressões de todo tipo, abusos, restrições e outras asperezas que enfrentam no cotidiano. Junto com o desejo de acessar a universidade estão narrativas silenciadas. Mas como contar isso? Para quem? E por quê?

Temos ali sujeitos marcados por violências diversas: sujeitos zombados, lesados, subjugados e distanciados dos seus direitos. Em outras palavras, poderiam ser designados, segundo o psicanalista Paulo César Endo, como “mortos-vivos”: aqueles que morrem sem que ninguém os matasse. Afinal, o extermínio não acontece por ódio, mas por indiferença (Endo 2005).

Não podemos subestimar a relação entre a constituição subjetiva e as condições de vida de um sujeito. Conhecimento, história, experiência e “capacidade” (entre aspas, como provocação ao discurso meritocrático) estão articulados de um modo que faz refletir sobre o tecido social do qual fazemos parte como agentes com condições de intervenção. Nos dizeres de Endo, para buscar o bem-estar de todos não se pode “deixar de provocar mal-estar em cada um” (Endo 2005, 202).

Os universitários estudantes da GESTUS — cerca de cinquenta, na grande maioria graduandos, alguns mestrandos — rompem, por meio do caminho dos estudos, com padrões familiares arraigados há muitas gerações. Alguns migraram de região, estado ou mesmo de país para seguir o sonho de entrar em uma universidade pública. Sem dúvida, estamos diante de “pessoas que passam por experiências desenraizantes”, como aponta a psicanalista Miriam Debieux Rosa (Rosa 2012, 30). Com essas mudanças, ocorridas a partir da decisão de prosseguir com os estudos, muitos perdem seus apoios afetivos e isso não é sem consequências.

Os estudantes da GESTUS trazem, no corpo e no discurso, facetas de um Brasil

excluído, um Brasil não escutado. Há algo que me convoca a pensar: a questão da transmissão geracional. As histórias que eu escuto me fazem testemunhar a dificuldade em ser um filho/filha que faz algo radicalmente diferente dos pais. Ou então mostram a dificuldade e as frustrações de tentar ser uma figura parental que passa aos filhos valores que não recebeu de seus pais, mas que foram acessados por meio da vida acadêmica. Os impasses *da* e *na* transmissão são tantos que muitos não suportam e sucumbem, física e mentalmente.

Costumo dizer que o pré-vestibular lida com o sonho, enquanto o pós-vestibular (no caso, a GESTUS) lida com o pesadelo. Ultrapassado o portal do vestibular, a universidade apresenta estruturas que silenciam os sujeitos. Não são raros os relatos de exclusões e *bullying* explícitos aos cotistas já no primeiro dia de aula, inclusive por parte de professores da universidade.

Sabemos que um grupo traz os símbolos da cultura e retrata modalidades de premiação e segregação. Diante disso e de todos os efeitos nos estudos daqueles que buscam na universidade uma alavanca para melhorias de vida, a articulação da GESTUS procura encontrar saídas. As articulações e os trabalhos vão acontecendo na medida em que são demandados. As construções são coletivas e horizontalizadas — docentes e discentes alternam posições. Na GESTUS o trabalho é de natureza colaborativa.

Trata-se de um esforço coletivo para construir estratégias de ação. A principal ferramenta: o diálogo, método socrático, tão conhecido na psicanálise. O objetivo é colocar em marcha dispositivos de apoio que possam ajudar a suportar as pressões acadêmicas e a vencer os obstáculos que acabam por gerar altos índices de evasão dos estudantes cotistas. Em dez anos de cotas implementadas na Universidade Federal de Santa Catarina contabilizam-se mais de mil desistências. Não são apenas números estatísticos, são mil histórias, histórias não escutadas.

No relato de uma estudante: “as pessoas entram pra universidade e parece que vestem um manto”. Nessa fala podemos perceber que a universidade funciona como uma espécie de unidade de pertencimento. Os impasses trazidos pelos estudantes cotistas da GESTUS repetem alguns elementos: as dificuldades com o transporte público diante da enorme distância entre os bairros periféricos e a universidade, a falta de recursos para a compra de materiais, a fome (sim, pesquisadores com fome, deixam de comer para comprar livros) e a dificuldade de conviver com o discurso acadêmico concomitantemente com as atividades da sua família e da sua comunidade. Além disso, há o desafio de conseguir construir uma ponte entre os saberes da universidade e os territórios em que esses estudantes vivem. Aí reside uma distância difícil de lidar.

Alguns apontam o período de formação acadêmica como uma espécie de limbo, um entre-lugar, que não os deixa pertencer nem ao grupo dos universitários nem ao território de origem. Esse entre-lugar é sentido por alguns de modo avassalador, fazendo com que questionem a escolha da formação acadêmica. Acredito que a questão da evasão — tanto nas salas de aula dos cursinhos, como a evasão dos cotistas na universidade

— precise ser tomada levando em conta essa perspectiva. Portanto, o acesso às informações sobre o funcionamento acadêmico não é suficiente para garantir a permanência na universidade e é nesse nicho que a GESTUS atua, buscando a permanência dos estudantes cotistas (na grande maioria, negros) nas universidades públicas de Florianópolis (UFSC e UDESC).

A escrita é uma das formas pelas quais se dá a exclusão na academia. Aqueles que não tiveram chance de ter um bom ensino básico, não raro apresentam alguns problemas na escrita por conta desse ensino deficitário nos primeiros anos escolares. No mundo acadêmico, escrever bem é um pré-requisito, dentro do que se espera da formalidade acadêmica, para que se possa alcançar sucesso e findar os estudos. Por isso, a GESTUS propõe uma Oficina de Escrita, para que as pessoas possam perder o medo de escrever e aprender não apenas sobre o “bem escrever”, mas, principalmente, a confiar que podem superar suas dificuldades e limitações.

Mas existem vetores envolvidos na macro e na micropolítica da construção da escrita. Considerando a escrita não apenas como um subterfúgio necessário aos constructos teóricos, à produção acadêmica e científica, mas também como um direito e um bem cultural que deveria ser universal, coloca-se em relevo a problemática da transmissão. Ao acompanhar a escrita dessas pessoas, notei que a própria história da escrita conta algo a mais. A história da escrita de alguém traz, de reboque, histórias de vida. E, em alguns casos, histórias de muito sofrimento.

Na GESTUS, até que os atendimentos individuais pudessem ser esboçados, um certo tempo de compreender foi necessário. O grupo, que se autodeclara “militante”, trazia o slogan “aqui não tem lugar para o eu, aqui somos nós”, no intuito de fortalecer uma coletividade. No entanto, aos longo de vários anos, alguns integrantes me procuravam para conversar em particular. Era um pedido, um pedido de escuta. Abriu-se, então, um tempo de suspensão, de verificação, de claudicação.

A partir dos encontros das Oficinas de Escrita, algumas interrogações começavam a se esboçar e pediam lugar. Para além da escrita, narrativas. Silenciamentos começaram a se transformar em palavras, palavras endereçadas. Resolvi oficializar esse tempo de elaboração e escuta, dando-lhe forma: atendimentos clínicos individuais, que ganharam o nome de *Gestus de Escuta*.

A partir desse ofício de escutar os integrantes da GESTUS, quando tomo a palavra para falar dessa experiência e dessas pessoas, não consigo resumir. Não existe “sumo” a ser extraído. Há, sim, a possibilidade de iluminar detalhes, sem a pretensão de tudo dizer. Penso nessas histórias acompanhadas do conceito de “biografema”, de Roland Barthes (1984). Um biografema é um traço, um pormenor que, iluminado, destacado, pode contar algo sobre o sujeito.

Os irresumíveis, portanto, são sujeitos que colocam em ato a sua assinatura no mundo e seguem trabalhando para que, mesmo diante de intenso sofrimento psíquico, siga-se resistindo e existindo na complexidade dos espaços da cidade, inclusive na

universidade. Na GESTUS “a grande maioria daria um livro por dia sobre arte, honestidade e sacrifício”, como canta a música do grupo O Rappa (1996), intitulada Hey Joe, citada na epígrafe do presente escrito.

Pretos ou brancos? Dizer de si é uma aposta. Faço menção aqui ao texto *Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada — um novo sofisma*, de Lacan (1998), que invoca a história dos prisioneiros segurando discos pretos e brancos, chamados a resolver uma questão lógica em troca da liberdade da prisão. Dizer de si é uma grande aposta, como veremos a seguir.

Segundo tempo: pretos, brancos, prisioneiros desejando sair

O psicanalista toca a dimensão sociopolítica do sofrimento e visa escutar os efeitos do desamparo discursivo de certos sujeitos para construir possibilidades de intervenção que sirvam como “dispositivos e estratégias que remetem tanto à sua posição desejante no laço com o outro, como às modalidades singulares e coletivas de resistência aos processos de alienação social” (Rosa 2016, 186).

No trabalho com situações muito próximas de múltiplas violências e violações, a construção da escuta pede não apenas tempo, mas uma atenção dedicada às questões da temporalidade. O que Rosa aponta como “escutar as vidas secas” (Rosa 2012, 30), com suas manifestações violentas de angústia, não é uma tarefa simples, porém, é um convite à responsabilização. Se sonhar é preciso, também é preciso escutar o pesadelo.

Quando o silenciamento abate os sujeitos com os quais nos deparamos no trabalho de escuta, talvez seja responsabilidade nossa despertar o “narrador” ali. O filósofo Walter Benjamin já indicava, em 1936, a importância social da figura do narrador, ao mesmo tempo em que apontava que a arte de narrar estava em vias de extinção (Benjamin 1994, 197).

O narrador atualiza no grupo a faculdade de intercambiar experiências. Para Benjamin, “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (Benjamin 1994, 197).

Na Alemanha pós-guerra Benjamin denunciava:

[...] as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. [...] Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltaram mudos dos campos de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”. (Benjamin 1994, 198)

Essa mudez das pessoas que viveram situações extremas, apontada no pós-guerra, levanta questionamentos. Benjamin opõe à narração uma outra forma de comunicação: a informação. A informação é verificável, a experiência não o é (BENJAMIN 1994, 202). Quem vive uma experiência só tem a narrativa para fazer valer uma história.

Aí reside uma questão importante para pensarmos: o que visa oferecer um acompanhamento pós-vestibular? A penas acesso às informações sobre o funcionamento da universidade? O que pode ser construído no “mais além” da informação?

A experiência com os *Gestus de Escuta* apresenta-se, para mim, como uma fresta que deixa entrever algo do recalcado, sofrimentos que dizem respeito em alguma medida àquilo que não queremos ver na teia do social na qual nos encontramos. São percepções que mobilizam a pensar temas como clínica, política, escuta de sujeitos afetados diretamente por situações críticas e como esses elementos se enlaçam.

Mas, como ponderava Lacan, não se deve compreender muito rápido. Essa fresta pede um tempo de elaboração. O trabalho com a psicanálise, especialmente quando ele se dá em contextos de vulnerabilidade social, convocando questões da psicanálise em extensão, precisa de elaborações minuciosas.

Essa prática de escuta, que visa tomar as narrativas com um cuidado sem pressa, encontra-se calcada no “não saber”: é porque eu não sei sobre o outro que eu o escuto. Ao contrário da massificação que o uso do plural acaba trazendo — o que acontece quando agrupamos os sujeitos sob significantes como “os trabalhadores”, “os estudantes”, “os cotistas”, etc —, a escuta do sujeito singulariza.

No entanto, esse singular não perde a sua vertente social. É preciso lembrar que, segundo Rosa:

As intervenções, nesses casos, visam criar condições de alterações no campo simbólico — subjetivo, social, político. É nessa medida que a psicanálise pode comparecer com elementos para favorecer modos de resistência à instrumentalização social do gozo e à manipulação da vida e da morte no campo social [...]. (Rosa 2012, 31)

Em outras palavras:

[...] as dimensões públicas e coletivas dessa prática, que se traduzem de modos diferentes em cada caso, costumam supor uma elaboração coletiva do trauma. Parece ser, por meio da recuperação da história social e política, mas também da explicitação das distorções do campo imaginário/simbólico, social e político, que o sujeito se situa em uma história, reconstituindo o campo ficcional. (Rosa 2012, 37)

Com essa engenhoca, a escuta, “Visa-se à transformação do trauma em experiência compartilhada e a construção da posição de testemunha, transmissor da cultura” (Rosa 2012, 34).

Para Lacan (1998), muitas vezes o que causa impacto “não é o que os sujeitos vêem, mas o que eles descobriram positivamente por aquilo que não vêem” (Lacan 1998, 203). O que assombra é o que não está explicitamente ali, mesmo estando ali. Para que isso apareça, é preciso escutar. E, às vezes, também é preciso escrever.

Lacan aponta para um processo lógico que encadeia três tempos: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. No primeiro instante é o olhar. Em seguida, toma-se um tempo para compreender. Só então, em um momento lógico (e não cronológico), pode-se fazer a assertiva que conclui, que encaminha esse percurso rumo a um desfecho. Não encerramento, pois não se trata de encerrar.

O tempo necessário à reflexão, segundo Lacan, é percebido pelo sujeito “sob o modo subjetivo de um tempo de demora [...] e se apresenta logicamente como a urgência do momento de concluir” (Lacan 1998, 206).

O eu, sujeito da asserção conclusiva, isola-se por uma cadência de tempo lógico do outro, isto é, da relação de reciprocidade. Esse movimento de gênese lógica do eu por uma decantação de seu tempo lógico próprio é bem paralelo a seu nascimento psicológico. (Lacan 1998, 208)

O resultado dessa conclusão, dessa asserção, é um ato. “O que constitui a singularidade do ato de concluir [...] é que ele se antecipa à sua certeza”, ou seja, há um ímpeto de “dizer-se”, que acontece antecipando-se à certeza.

O instante de ver ficou para trás, o momento de concluir acaba por concluir, em ato, o que se processou nesses três tempos lógicos, únicos para cada sujeito. Por isso, é difícil marchar em perfeita simetria. Esses três tempos, assim com sonho e o pesadelo, são vividos de maneira subjetiva e singular.

A experiência de situar um “si” e um “outro” é tocada por essas temporalidades. Lacan aponta “a asserção subjetiva antecipatória como forma fundamental de uma lógica coletiva” (Lacan 1998, 211). É gerado um movimento e, apesar de ser uma experiência subjetiva, individual, “ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros” (Lacan 1998, 212).

Situando o *eu* torna-se possível contar-se; situando o *eu* torna-se possível contar (a alguém) uma história. Nisso consiste o endereçamento. O *eu* é uma ficção, uma ficção compartilhada, afirmada mediante o reconhecimento do outro. A psicanalista Ana Costa, autora do livro *A ficção do si mesmo*, destaca que “a ficção é o que dá suporte ao corpo, amparando-o num circuito de relações, num circuito de identidades” (Costa 1998, 121). Aquilo que, por convenção, chamamos de *identidade* é, na verdade, *identificação*, cujo suporte, para Lacan, é um traço (um traço de identificação). A “identidade”, inscrita com o aval do outro, vem na esteira da proposta freudiana a respeito da memória, uma vez que os traços duráveis inscrevem uma memória possível de ser retomada. Mais que isso, é preciso contar com a memória do outro para que se sustente, no *eu*, um sentimento de identidade que não claudique.

Sendo assim, a relação com o estranho é essencial para a construção de um lugar próprio de enunciação. Escrita e leitura operam a partir do estranho. A não-coincidência do *eu* com o *si mesmo* (motivo pelo qual o suporte para dizer *eu* é sempre buscado no

outro) produz, com a tomada da palavra, ressonâncias no campo do outro. *Eu e outro* se afetam mutuamente. Esta operação sempre mal-sucedida — pois, sendo o sujeito cindido, só é possível *semi-dizer* — não é da ordem da razão, e sim, da *resón*¹.

Esses três tempos lógicos contribuem, segundo Lacan (1998), para a construção da lógica de coletividade. A coletividade “se define como um grupo formado por relações recíprocas de um número definido de indivíduos, ao contrário da generalidade, que se define como uma classe que abrange abstratamente um número indefinido de indivíduos” (Lacan 1998, 212).

Diante disso, como poderíamos, não somente na oralidade, mas também por meio da escrita, registrar as narrativas que apareciam na construção desse trabalho que se pretende coletivo? As oficinas de escrita aconteciam regularmente e várias histórias emergiram a partir dessa prática de encontros. Em 2014, quando resolvemos fazer o livro, a ideia entusiasmou a todos.

Porém, ao longo do tempo pode-se notar que as pessoas não estavam conseguindo escrever as suas histórias. Escreviam sobre outras coisas, mas tinham dificuldade em colocar no papel as suas histórias de vida. Tive a impressão de que a vivacidade dos relatos orais não aparecia no texto, diluía-se. Por quê?

Busquei o fantasma desse acontecimento e encontrei ecos de desautorização: o escrito representando a academia, a tensão, a frustração da intenção. O primeiro acadêmico da família, às vezes, era também um dos primeiros alfabetizados. Um livro, algo nunca sonhado. Incitados a escrever suas histórias, faziam-se presentes os calafrios, as dificuldades, a sensação de tarefa injusta, pesada. Pesada demais? Qual a medida? Em que tempo? Como saber se não tentarmos escrever?

Que caminhos existirão se não forem caminhados? Nas operações de escrita há um acolhimento para o não sabido, para o desconhecido. Escrever é, antes de tudo, não saber. Não sabemos o que vamos escrever até que possamos escrever. “O que escreveríamos se escrevêssemos?”, é a grande questão da escritora Marguerite Duras (Duras 1994, 47).

Esta lógica da *escrita descobrindo o que escreveríamos se escrevêssemos* propõe escrever sem saber, para só então escrever e saber. Segundo a perspectiva de Duras, no livro intitulado *Escrever*:

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever não sabemos nada acerca do que vamos escrever. Com toda a lucidez. É o desconhecido de nós mesmos, da nossa cabeça, do nosso corpo. Não é sequer uma reflexão, escrever é uma espécie de faculdade que temos ao lado da nossa pessoa, paralelamente a ela, de uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível, dotada de pensamento, de cólera, e que, por vezes, pelos seus próprios fatos,

¹ Lacan aponta para o verbo *ressoner* (ressoar), homófono à palavra *raison* (razão).

está em perigo de perder a vida. [...] Se soubéssemos alguma coisa do que vamos escrever, antes de o fazer, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena. Escrever é tentar saber aquilo que escreveríamos se escrevêssemos — só o sabemos depois — antes, é a interrogação mais perigosa que nos podemos fazer. Mas é também a mais corrente. (Duras 1994, 48)

Em outras palavras, é preciso deixar entrar o hóspede estranho — ou, mais além, convidá-lo.

Como frisa Barthes (2005, 145), “Existe, sempre ameaçador, o risco de um *desconhecimento* do escritor (chamo assim aquele que quer escrever) a respeito dele mesmo”. O detalhe que merece aproximação é que Barthes, generoso, inclui na categoria “escritor” todo aquele que quer escrever.

Apostando no trecho “*escrevo me afetando* no próprio processo de escrever” (Barthes 2005, 47), vale lembrar:

Texto quer dizer *Tecido*; mas, enquanto até aqui esse tecido sempre foi tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos, agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo [...]. [...] perdido nesse tecido — nessa textura — o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos de neologismos, poderíamos definir teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha). (Barthes 2006, 74)

Nos entregamos à perda quando escrevemos. A escrita nos afeta de tal maneira que o (supostamente) composto se desfaz. Escrever toca em nosso narcisismo, alvoroçando nossas noções de (des)valor e (des)prestígio. Escrever é um ato de fazer-valer, pois coloca à prova algumas coisas. Para Barthes,

[...] o Fazer-Valer da escrita é intimamente penetrado por um sentimento deceptivo, de uma perda de valor: escrevo, portanto, convenço a mim mesmo (Ideal do Eu), mas, ao mesmo tempo, constato que: não, o que escrevi não é *meu eu inteiro*; há um resto, extensivo à escrita, que eu não disse, que constitui meu valor inteiro, e que preciso, a qualquer preço, dizer, comunicar, “monumentalizar”, escrever: “Valho mais do que aquilo que escrevo”. (Barthes 2005, 75)

Por isso mesmo, se escrever alavanca decepções, por outro lado, enfrentando os entraves, vemos que é escrevendo que se decalca, ao longo do trabalho, algo do estilo de cada sujeito que escreve. Temos a escrita como modalidade ética e não como uma forma de comunicação, apontando para um ato.

No exercício da escrita somos confrontados com o desconhecimento de nossos limites. Fazer existir um escrito é uma operação com efeitos subjetivos, pois escrever é imprimir uma marca. Escrever aponta para algo que concerne ao sujeito. O sujeito que escreve, poderíamos dizer, ocupa uma posição sempre em emergência.

A escrita pode ser um modo de *perlaborar*, palavra cara a Freud (em alemão, *durcharbeiten*). *Perlaborar* (em inglês, *working through*), contém o mesmo *per* de percurso, indicando algo a ser trilhado, *percorrido*. Deste modo, podemos pensar, as dificuldades na escrita podem ser trabalhadas por meio da insistência nesse percurso, insistindo na escrita — e na possibilidade/desejo de publicação.

E assim, lidando com o hóspede desconhecido, escrevemos, mas não sem dificuldades. Eis o primeiro livro da GESTUS, intitulado “O que eu ensinei para a universidade”. Escrito em primeira pessoa por treze integrantes da GESTUS, destacamos o “eu” e as histórias singulares de cada um, mas que não deixam de ser um retrato que fala de muitos. Cada história, cada pesquisador, falou de si, quebrando com a tradição que faz com que os pobres (e, principalmente, negros) sejam objeto de pesquisa. Ali escreveram os pesquisadores, desde as suas próprias experiências. Pesquisa-dores.

Uma poderosa inversão se fez: o que *eu ensinei* para a universidade. Colocar-se, ali, diz algo. Colocar corpos negros e periféricos dentro do ambiente acadêmico diz muita coisa. Há ouvidos?

É possível notar que os indivíduos que desorganizam ou atacam as normas institucionais colocam em destaque algo da unidade imaginária de um grupo, mostrando furos e, de alguma forma, denunciando modalidades de laços sociais que atualizam os processos de exclusão (Rosa 2016, 196). Segundo Rosa, é preciso “buscar reverter e inverter a direção das práticas de modo que permita a todos a elaboração de seu lugar na cena social” (Rosa 2016, 196). A escrita do livro apontou nessa direção.

Terceiro tempo: asserções

Quando fazemos psicanálise em extensão, de acordo com Endo, não podemos “ignorar as transferências que mobilizamos, as defesas que ativamos e as consequências de nossas intervenções discursivas, políticas e sociais” (Endo 2016, 110). Considero que a prática que insere o significante “escuta” em um grupo de discurso militante tem uma grande responsabilidade, afinal, colocar pausa no que comumente se apresenta como bloco homogêneo e homogeneizante é uma tarefa delicada.

A partir desse significante, “escuta”, organizaram-se algumas posições. Com a insistência nesse significante, algo se moveu na cena. O objetivo não deixou de ser buscar empoderamento, estímulo e mobilizar as pessoas para uma organização. Mas, por isso mesmo, pelo desafio ético que é lidar com o outro na sua radical diferença, consideramos, acompanhando Rosa, que um “trabalho de reconstituição só será possível se houver uma alteração ou um rompimento com o discurso violento” (Rosa 2016, 190).

Não podemos recuar diante dos desafios que os pertencimentos imaginários

colocam. Para fazer resistência é preciso escutar — escutar a si mesmo, compreendendo os limites do trabalho, e escutar o outro na sua radicalidade.

A mudança social se dá a partir de frestas, de rachaduras, de atos e dos efeitos que eles produzem. Na universidade a legitimação e a difusão do conhecimento recebe as marcas dessas experiências narradas, a conta-gotas, pelos estudantes e pelos educadores envolvidos com tais práticas.

A história se constrói com testemunhas. Para Endo:

A função do testemunho, entre outras coisas, é desorganizar as explicações e verdades definitivas sobre as violências, fazendo-nos escutar de novo, e pela primeira vez, o que já parecia ter sido encerrado [...]. (Endo 2005, 290)

Sendo assim, este livro é uma aposta na palavra, na inversão e na invenção. Esse livro aposta na transmissão. Sabemos que muitas questões ainda pedem um tempo de elaboração, mesmo após anos de práticas, questionamentos e escritas.

Entendo que seguirão acontecendo evasões, desistências, dúvidas e todo tipo de mal-estar. Fazer um pré-universitário popular funcionar, bem como fazer um prolongamento desse trabalho após a aprovação no vestibular, é uma tarefa exigente. O tempo todo somos acompanhados pela pergunta: “mas, afinal, o que estamos construindo”? Eu diria que construir uma escuta tem valor de herança. É preciso insistir na transmissão, vislumbrando possibilidades futuras. Insistir é resistir.

Lançar um escrito — ou lançar-se em um escrito — é o terceiro tempo de uma construção subjetiva bastante complexa. Passa por questões narcísicas e, não raro, decepções seguem-se ao escrito publicado, o sentimento de “não era isso”. Esse resto, como diria Lacan, esse resto não dito, impulsiona e relança o desejo. Então, por essa razão, o sujeito lança-se outra vez a escrever.

Publicar é apostar na troca, na alteridade, no leitor como parte moebianamente² ligada ao processo de escrita. Escrever é dar testemunho de um trabalho, é colocar-se na cena do social, o que inclui julgamentos, estranhamentos — e, inclusive, o reconhecimento possível por parte outro.

Podemos recuperar aqui o conceito lacaniano de *extimidade*: o estranho situado topologicamente dentro, nos interiores. Lacan aponta a ideia de *extimidade* como uma espécie de exterioridade íntima que porta em seu cerne a contradição (Lacan 1997, 173). O neologismo forjado por Lacan aponta nessa direção quando une, paradoxalmente, exterioridade e intimidade. A escrita, podemos dizer, é uma experiência êxtima.

Costuramos com o fio do desejo. Este livro, escrito, mexido e remexido durante

² A cinta de Moebius é uma figura topológica que mostra uma superfície na qual o lado interno e externo são o mesmo lado, o dentro e o fora indistinguíveis. Este recurso topológico é referido pelo psicanalista Jacques Lacan (2005) em suas incursões sobre o tema da vizinhança e dos limites.

cinco anos, serve para deixar o registro, na linha da história das lutas populares, da trajetória de pessoas agrupadas sob o nome de GESTUS — Gestão Estudantil Universitária Integrar, deixando na concretude do papel uma marca, um rastro a ser lido no tempo.

Considerações finais

Ao longo de cinco anos, cerca de vinte pessoas sentiram-se convocadas pelo convite à escrita do livro. Alguns escreveram em casa e enviaram seus textos. Outros participaram de encontros de Oficina de Escrita (marcados por demanda, com encontros no meu consultório, na universidade, nas casas das pessoas), em grupo ou de modo individual, para que houvesse um tempo reservado especialmente para a confecção do material para o livro. As ideias foram recuperadas de conversas anteriores ou surgiram em associação livre. O resultado desse processo, acomodado em uma caixinha com as cores da GESTUS (amarelo e roxo), está circulando como projeto piloto, com uma pequena tiragem artesanal, à espera de condições financeiras para que mais exemplares possam ser impressos. Almejamos organizar um evento de lançamento em breve.

Se as histórias escritas não trazem a magnitude dos relatos orais que tive a oportunidade de colher, no entanto, posso afirmar que esse livro serve ao seu propósito, que é deixar um sério recado e um convite: conheçam essas pessoas. Quando assim o fizerem, entenderão. As linhas não escritas desse livro estão pulsando nessas pessoas irresumíveis e só poderão ser lidas de outra maneira: fazendo laço, fazendo escuta.

Bibliografia

- Benjamin, Walter. 1994. "O narrador — considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política — ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Barthes, Roland. 1984. *A câmara clara — nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. 2005. *A Preparação do Romance II — A obra como vontade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2006. *O prazer do texto*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva.
- Costa, Ana Maria Medeiros da. 1998. *A ficção do si mesmo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Duras, Marguerite. 1994. *Escrever*. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco.
- Endo, Paulo César. 2005. *A Violência no Coração da Cidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Lacan, Jacques. 1985. *O seminário: Livro 7 — A ética da psicanálise*. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. 2005. *O seminário: Livro 20 — Mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. 1998. Tempo Lógico e a Asserção da Certeza Antecipada — Um Novo Sofisma. In *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rappa, O. Hey Joe. 1996. In *Rappa Mundi*. Rio de Janeiro: Warner Music.
- Rosa, Miriam Debieux. 2016. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Editora Escuta/Fapesp.

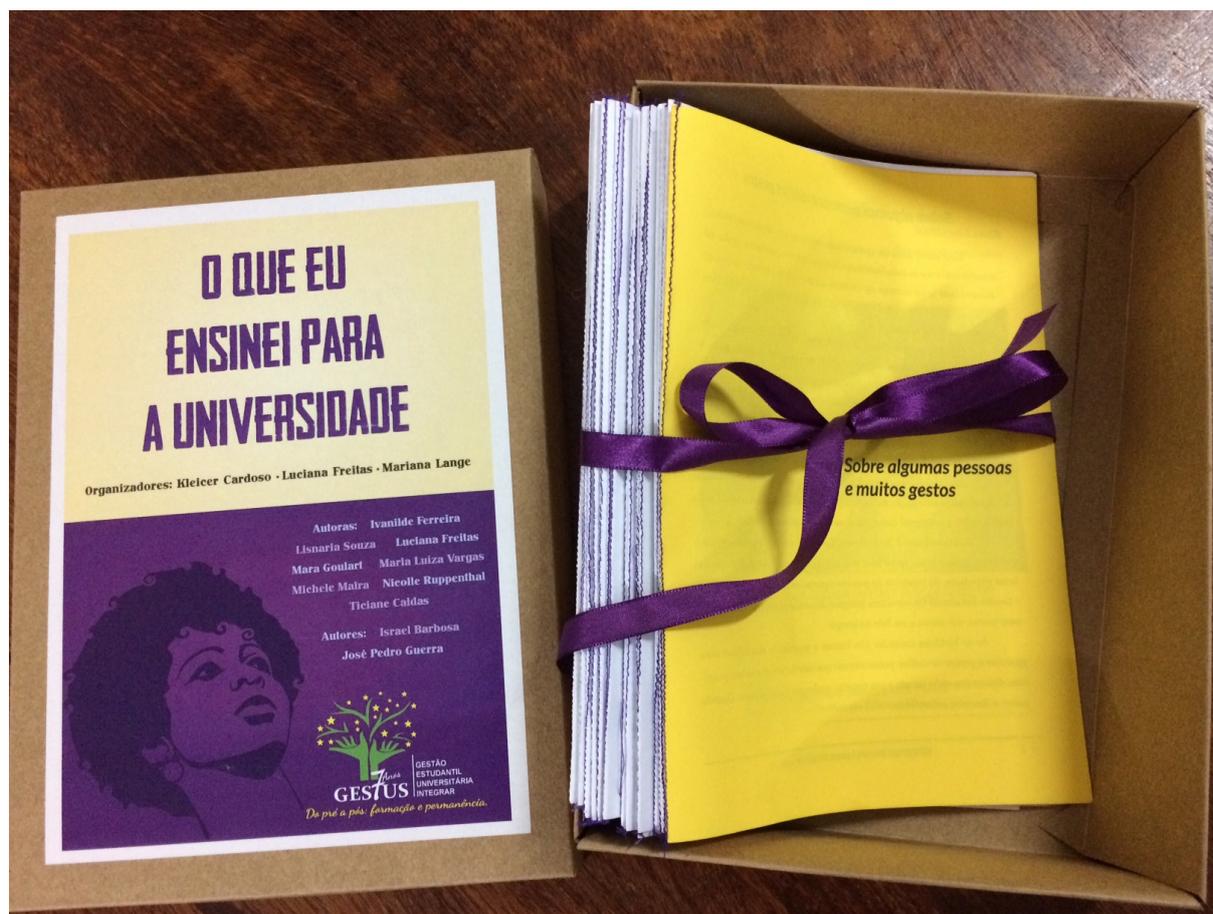


Imagem 1
GESTUS — O que eu ensinei
para a Universidade, foto:
Mariana Lange.

Nota biográfica

Psicanalista, psicóloga, pós-doutoranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutora em Literatura — Teoria Literária (Intertextualidades Contemporâneas), coordenadora de Oficinas de Escrita desde 2006, pesquisadora das relações entre memória, escrita e psicanálise, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

Lattes iD

<http://lattes.cnpq.br/7662979297875925>

Morada institucional

Rodovia Dr. Antônio Luiz Moura Gonzaga, 3339, Rio Tavares, Florianópolis/Santa Catarina, CEP 88048-300, Brasil.

Recebido Received: 2019-10-06

Aceite Accepted: 2020-02-27